

Outonecer.

CATEGORIA

Editorial

CITAÇÃO

Canhoto, J. M. (2025)

Outonecer,

Rev. Ciência Elem., V13(02):023.

doi.org/10.24927/rce2025.023

EDITOR

João Nuno Tavares

Universidade do Porto

EDITOR CONVIDADO

Jorge Canhoto

Universidade de Coimbra

RECEBIDO EM

06 de outubro de 2025

ACEITE EM

06 de outubro de 2025

PUBLICADO EM

15 de outubro de 2025

COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2025.

Este artigo é de acesso livre, distribuído sob licença Creative Commons com a designação [CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite a utilização e a partilha para fins não comerciais, desde que citado o autor e a fonte original do artigo.

rce.casadasciencias.org



Compramos livros por vários motivos: porque já conhecemos o autor, o tema nos interessa ou temos um amigo de quem gostamos e compramos milhares de exemplares para lhe encher o ego e ajudá-lo nas agruras da vida. Pessoalmente, também compro livros pelas capas e pelos títulos. Foi o que aconteceu com o livro do médico psiquiatra Júlio Machado Vaz, a quem roubei o título – *Outonecer* – para este texto. O título é fascinante. E o conteúdo também.

Quando este número da revista chegar aos leitores, estaremos em pleno outono, uma estação meio melancólica, perdida entre o verão e o Natal. Para os humanos, outonecer não é fácil, metafórica e literalmente. O outono parece só trazer aborrecimentos: acabam-se as férias, começam os sarilhos com a escola, os dias encolhem, com azar apanha-se mais uma gripe e o frio, vindo do Norte, começa a chegar – primeiro um pouco disfarçado pelo sol e, mais tarde, já pouco discreto, tolhe-nos os movimentos e empurra-nos para a lareira. Metaforicamente, outonecer é, sem dúvida, pior.

Mas, mesmo no outono, um pouco indiferente às idiosincrasias humanas, a natureza segue o seu caminho. É certo que as variações no clima a que vamos assistindo quase nos fazem acreditar que as meias-estações já não existem. No entanto, os sinais estão aí, e nada melhor do que as folhas para nos mostrar o que se avizinha. Primeiro, adquirem um tom verde-amarelado, sinal de que a clorofila começa a desaparecer; depois ganham tons laranja e vermelho, devido à predominância dos carotenoides e à síntese de antocianinas; e, finalmente, um castanho mais ou menos intenso, que anuncia a abscisão foliar. Em algumas zonas do globo, estas modificações na paisagem são tão intensas que motivam a deslocação de um grande número de pessoas, como acontece na costa noroeste dos Estados Unidos da América e no Canadá, onde os bordos (*Acer*) predominam, e em algumas zonas do Japão, onde as ginkgos e os bordos fazem as delícias dos viajantes e das populações locais. Também em Portugal, em zonas onde as espécies folhosas autóctones predominam e em muitos parques e jardins, é possível maravilhar-nos com estas alterações outonais. A capa desta edição da revista mostra a beleza de uma ginkgo coberta pelas suas folhas douradas.

Nos climas temperados, o outono é também a época dos frutos. Nas plantas que florescem na primavera e no início do Verão, chamadas plantas de dia-longo (ou de noite-curta), os frutos amadurecem normalmente no outono. É o que acontece com as castanhas, as laranjas e as nozes, só para citar alguns exemplos. Quando o período de luz diário (fotoperíodo) se reduz, as plantas evitam florir, impedindo que as flores sejam danificadas pelas baixas temperaturas e, possivelmente, evitando que o menor número de insetos disponíveis comprometa o sucesso da polinização. No entanto, há exceções. O medronheiro floresce no outono, quando o fotoperíodo é mais reduzido, sendo por isso designado como uma planta de dia-curto (ou de noite-longa). Outras plantas, como as magnólias e as espécies do género *Prunus* (amendoeiras, cerejeiras, ginjeiras...), necessitam de um período de frio (vernalização) que estimule a floração.

E falta o vinho, claro. Embora cada vez se realizem mais cedo, as vindimas são, nos países com uma forte tradição vinícola, a fronteira entre o verão, em que chega o pintor (*veraison* – estas coisas ficam sempre mais bonitas em francês), e o outono, em que Dionísio e Baco fazem o seu trabalho: pelo São Martinho, prova o teu vinho.

Em mais um número da *Revista de Ciência Elementar*, fazemos uma viagem à Patagónia, onde o outono chega mais cedo; falamos de vinho e plantas (medronheiros incluídos), de bactérias e antibióticos; abordamos problemas ambientais, mostramos como a matemática pode simplificar a química e desvendamos a computação quântica.

Termino com um soneto de Florbela Espanca, apropriadamente chamado...*Outonal*.

Caem as folhas mortas sobre o lago;
Na penumbra outonal, não sei quem tece
As rendas do silêncio... Olha, anoitece!
– Brumas longínquas do País do Vago...

Veludos a ondear... Mistério mago...
Encantamento... A hora que não esquece,
A luz que a pouco e pouco desfalece,
Que lança em mim a bênção dum afago...

Outono dos crepúsculos doirados,
De púrpuras, damascos e brocados!
– Vestes a terra inteira de esplendor!

Outono das tardinhas silenciosas,
Das magníficas noites voluptuosas
Em que eu soluço a delirar de amor...

Outoneçamos, então.

Jorge Manuel Canhoto

Universidade de Coimbra